

Saúde em Brasília: um debate que provoca taquicardia

BRASÍLIA — "O sistema de saúde de Brasília tem muitas coisas boas. Vamos corrigir as ruins", acha o Ministro da Saúde, Roberto Santos. "O nosso sistema de saúde é um dos melhores do País", diz o Secretário de Saúde do Distrito Federal, Alberto Henrique Barbosa. "Os serviços de emergência dos hospitais de Fundação Hospitalar do Distrito Federal não permitem o desempenho ético da atividade médica, ensejando o erro médico e até mesmo o desrespeito aos direitos humanos", atestam as entidades dos médicos. "O doutor Albert Sabin disse que Brasília é um exemplo", garante o ex-Secretário de Saúde Jofran Frejat.

Quem estã com a razão? Esta semana cresceu o debate sobre o sistema de saúde de Brasília. Com uma aparato médico-hospitalar bem superior ao de quase todas as cidades brasileiras — tem mais de 20 hospitais, cinco mil leitos, a maioria na rede pública, e cerca de 2.500 médicos para 1,5 milhão de habitantes — consegue ser o mais criticado e ridicularizado do Brasil. O último caso de repercussão nacional foi o erro na cirurgia em Albertina Duarte Pereira, 77 anos. Ela fraturou o fêmur da perna direita. Foi operada na perna esquerda, no Hospital Regional de Taguatinga.

— Fiquei com taquicardia quando soube — admitiu o Governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira. — Quando lembro que durante os 30 dias em que os médicos da Fundação permaneceram em greve o número de óbitos caiu vertiginosamente, sinto um temor — completou.

José Aparecido, que chegou a ameaçar "fechar o Hospital de Base para balanço", resolveu aproveitar a ocasião para formar um grupo de trabalho. Na terça-feira, reuniu dois Ministros e deu 30 dias para que uma comissão de 12 pessoas reformule o sistema de saúde da Capital

para "constituir-se em modelo para outras regiões do País".

Isso desagradou aos médicos e aos dirigentes dos Governos anteriores. Na terça-feira pela manhã, os Presidentes da Associação Médica, do Sindicato dos Médicos e do Conselho Federal de Medicina estiveram com o Governador. Houve alguns salmoleques e rapapés de parte a parte. E muitas críticas.

— Durante os meus 10 meses de Governo tenho recebido um caso grave por mês — disse o Governador.

— Durante os seus 10 meses, o sistema, que era ruim, piorou — responderam os médicos, que não foram à cerimônia da constituição do grupo de trabalho, à tarde.

— Basta de planos e comissões — diz o Presidente do Conselho Regional de Medicina, Francisco Costa. — O Governo já tem o 1º Plano Trienal, o plano da Copag para o que seria o Governo de Tancredo Neves e as recomendações de conferências e simpósios médicos. É só colocá-los em prática — lembra. — O Governador só está rolando por mais 30 dias as soluções para o problema.

A Presidente do Sindicato dos Médicos, Maria José da Conceição, lembra outras questões: a organização do setor é caótica e voltada para a classe dirigente concentrada no Plano Piloto, onde estão 65 por cento dos leitos, em 10 hospitais e casas de saúde privados e nove hospitais públicos.

Pensado entre as críticas dos sindicalistas da área e dos novos dirigentes, o ex-Secretário de Saúde Jofran Frejat, que planejou o atual sistema de saúde do Distrito Federal, diz que preparou a base para uma política modelo, feita em etapas, "mas já destruíram as etapas que foram feitas". Ele destaca que descentralizou o atendimento médico-hospitalar, mas que este sistema foi desvirtuado posteriormente, quando deixou a Secretaria em 1983.

